

AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS E A CULTURA – CONTRIBUIÇÕES PARA A PEDAGOGIA DA INFÂNCIA

Eliete Fernandes Matias ¹

RESUMO

Este estudo discute possibilidades para se desenvolver práticas efetivas a partir dos elementos culturais e das Linguagens Artísticas na educação de crianças. É uma pesquisa bibliográfica que abre um debate acerca da abordagem Multicultural que representa possibilidades pedagógicas para embasar as estratégias metodológicas das atividades artísticas desenvolvidas com as crianças na Educação Básica. A pesquisa que se fundamenta a partir de estudos nas obras de BENJAMIN (2014), SANTOS (2010), VIGOTSKY (2014), DUARTE JR (2001), NOGUEIRA (2013), também aborda questões relacionadas à formação dos professores. A relevância da temática está na proposta de discutir o cotidiano da escola e a necessidade de descolonizar o modelo pré-estabelecido, onde as crianças são descoladas de suas realidades e de sua essência lúdica para imergir numa rotina que, muitas vezes, não respeita sua subjetividade, não considera sua expressividade e só traz elementos da cultura para o contexto escolar, de forma caricatural, em datas comemorativas.

Palavras-chave: Linguagens Artísticas. Cultura. Educação de crianças. Abordagens Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Educar é um processo humano de interrelação, experiências e vivências que deve oferecer possibilidades à criança para desenvolver a sua criatividade, criticidade e autonomia, como também perceber as sensações, os sentidos, o saber ouvir, ver, falar e degustar para melhor se compreender e compreender o outro em suas peculiaridades e diferenças. Partimos, então, da ideia de que é preciso oferecer uma experiência estética envolvendo o conhecimento sobre teatro, música, dança e artes visuais, assim como o reconhecimento das culturas que circundam a escola e seus atores.

O principal desafio da escola é conhecer o universo estético das crianças, para a partir desse reconhecimento promover uma educação intercultural que respeite a integralidade dos sujeitos e de sua cultura por meio de uma pedagogia voltada para o sensível. Entretanto, em muitos casos a formação profissional dos professores não dá conta da complexa realidade que é apresentada atualmente. Há ainda os vícios e a repetição de modelos pedagógicos que estão entranhados no cotidiano das escolas infantis e que se relacionam mais ao assistencialismo que à educação para a cidadania.

Boaventura de Souza (2010) aponta um caminho onde não se hierarquiza os conhecimentos repassados para as crianças, não permitindo assim que desprezem aqueles saberes de sua cultura em detrimento aos outros saberes escolarizados. Há um reconhecimento necessário de que a escola tradicional precisa ser descolonizada para valorizar a subjetividade dos "territórios educacionais" diversos, diferentes e desiguais. (SOUZA, 2010).

Gourlat (2015, p. 94), entende território educacional como: "(...)um movimento de mão dupla: a escola se abre para a cidade, e a cidade entra efetivamente na escola. Isso envolve espaço físico, currículo, formação dos educadores e profissionais e gestão intersetorial". Sem dúvida é preciso uma tomada de consciência de toda comunidade escolar, objetivando a quebra

¹ Mestra em Arte da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, elietefmatias@gmail.com

de paradigmas introjetados na prática pedagógica para que se dê a “queda do muro” que separa a escola de sua comunidade.

Duarte Júnior (2001) propõe a educação do sensível, ou seja, a formação estética através da arte e alicerçada na cultura das crianças como um caminho assertivo para possibilitar o conhecer e repensar as relações humanas.

Na mesma direção, Walter Benjamin (2014) discute uma educação que respeite a inventividade e a experiência infantil e que deixe a criança livre para viver sua infância. Uma educação que, na visão deste autor, considera essencial o teatro infantil, o jogo e a brincadeira como expressão de liberdade da criança que em sua atuação “ensina e educa os atentos educadores” enquanto reinventam as formas de interagir com o mundo e com sua cultura.

Também para Vygotsky (2009, p.89) a representação teatral está diretamente ligada às brincadeiras por apresentar em sua forma elementos das várias modalidades de expressão artística, sendo uma “(...) fonte de inspiração e de material para os diferentes aspectos da criatividade infantil.” Na Educação Infantil a linguagem teatral estabelece um diálogo que se situa entre a realidade e a fantasia num espaço e tempo próprios da criança. É uma “arte efêmera” como uma performance, sem intenções espetaculares, partindo da improvisação e se revelando como um momento singular e inusitado.

Quando se sente livre e estimulada, a criança desconstrói o preestabelecido, dá novo sentido e utilidade aos objetos, subverte as regras e intrepidamente produz cultura, pois mesmo sem sentir, “(...) já vivencia a Arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa Arte exerce nelas vivas influências estéticas. É óbvio, também, que esta criança interage de diversas maneiras com a Arte.” (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 43).

Persequimos a ideia de que as linguagens artísticas e a cultura possibilitam o exercício da autonomia da criança em seu contexto social, cabendo ao professor inserir no seu repertório criativo os elementos próprios dessas linguagens e culturas. Para tanto, buscaremos socializar algumas considerações acerca de abordagens pedagógicas com viés sociocultural e seus aspectos pertinentes à Arte-Educação que possam se adequar ao contexto da Educação Infantil.

O muro que separa a comunidade da escola

A escola é um espaço de pluralidade social e cultural. É diante das realidades encontradas no ambiente escolar e como forma de promover a valorização da diversidade cultural que as abordagens Pedagógicas Sociocultural, Intercultural ou Multiculturalismo se apresentam como possibilidades para embasar as estratégias metodológicas das atividades artísticas desenvolvidas com as crianças.

Sendo assim, a prática escolar a partir da arte e da cultura pode colaborar para o enfrentamento ao preconceito, a aceitação do ser diferente, a interação com a origem do outro, o reconhecimento da própria cultura e da cultura do outro são caminhos para o reconhecimento da coexistência de diversas culturas na sociedade. Compreendendo a necessidade de se estabelecer uma conexão com a família e considerando, ainda, a ideia de que a educação se dá nos diversos âmbitos da sociedade num processo contínuo, integrado e dinâmico.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDBEN - Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 \ em seu Artigo 1º estão os indicativos para uma educação como processo formativo contínuo: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Na Educação Infantil onde o brincar, cuidar e educar são indissociáveis é imprescindível que esse compromisso educativo seja bem compreendido.

Por meio de metodologias embasadas nas linguagens artísticas existem possibilidades de trabalharmos com as crianças experiências que envolvam: jogos teatrais, música, dança,

contação de história, teatro de bonecos e artes visuais de modo integrado e transdisciplinar, envolvendo a família e a comunidade com seus saberes, tradições e simbolismos.

Desse modo, defendemos o argumento de que as linguagens artísticas e a cultura - especialmente a cultura oral, enquanto conhecimento ancestral que é passado oralmente de geração para geração - têm o potencial de tencionar perspectivas educacionais na Educação Infantil, indo de encontro à planejamentos pautados em listas de atividades e em rotinas descontextualizadas com a realidade das crianças.

É importante destacar que a abordagem multicultural vem sendo desenvolvida desde os anos de 1990, fundamentada na ideia de que do ponto de vista pedagógico a arte e a cultura se apresentam como importantes componentes para promover a aprendizagem significativa para a criança, cabendo ao educador lançar um olhar reflexivo e sensível sobre a infância, relacionando os saberes das culturas delas com as complexidades e necessidades de seu tempo. Pressupõe-se ainda, que na aprendizagem e na criação de produtos artísticos e culturais pode residir a base daquilo que, mais tarde, poderá permitir à criança aprendizagens mais elaboradas.

Seguindo essa linha de raciocínio, compreendemos que algumas metodologias cabem “como uma luva” para o trabalho com Arte-Educação, a exemplo da proposta trazida por Pacheco (2006) com a Pedagogia Griô, que promove a integração dos professores com os Mestres e Griôs detentores do conhecimento da cultura oral da ancestralidade brasileira na cidade de Lençóis/Bahia. Essa integração favorece a troca de saberes e ainda promove o fortalecimento dos laços culturais da comunidade escolar.

Nas palavras de Pacheco (2006, p. 66) a Pedagogia Griô:

É uma pedagogia da vivência de rituais afetivos e culturais que facilitam o diálogo entre as idades, a escola e a comunidade, grupos étnico-raciais, tradição e contemporaneidade, interagindo e mediando saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais, por meio do reconhecimento do lugar social, político e econômico dos mestres Griôs na educação, para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida.

A herança cultural é parte indissociável dos indivíduos numa sociedade. Sendo assim, a criança enquanto sujeito de direitos não pode ser descolada de sua cultura ao adentrar a escola. É preciso um compromisso de todos os educadores em garantir a criação de laços com a comunidade para conhecer verdadeiramente as infâncias daquela comunidade e respeitar suas culturas, identidades, diferenças e desigualdades.

A proposta da Pedagogia Griô valoriza a transmissão oral “(...) e convivência intergeracional das comunidades, reatando o fio da história entre velho e novo, o mundo tradicional e contemporâneo por uma ética a favor da diversidade da vida e dos povos e uma educação comunitária”. (PACHECO, 2006, p.69)

Trazer para a escola aquilo que Boaventura de Souza (2010) chama de “(...) ecologia dos saberes” é uma forma de humanizar a educação, especialmente nas localidades mais desfavorecidas economicamente e desprestigiadas pelo poder público em todas as suas necessidades vitais.

A Pedagogia Griô parte da ideia de oficinas pedagógicas, onde os Mestres e Griôs são convidados a interagir com as crianças através da contação de histórias, cantos e cantigas populares. Os Mestres são os detentores da sabedoria ancestral, podendo ser identificados entre os pajés, líderes quilombolas e religiosos, mestres de folguedos entre outros “(...) doutores e doutoras nos saberes do povo”. Já os Griôs são aprendizes de Mestres e se destacam entre os contadores de histórias, artistas populares, artesãos, cordelistas, entre outros atores culturais que transmitem os conhecimentos ancestrais dos Mestres através da cultura oral.

Ao direcionar o olhar para os saberes tradicionais e populares, os professores precisam enxergar no Griô sua composição oral que dialoga com a ciência e com o sobrenatural, com o presente e o passado, com o palpável e o etéreo para a partir daí superar o desafio de trilhar um caminho sinuoso e fascinante com as crianças. Para tanto é necessário “(...) o reconhecimento de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (Santos, 2010, p. 54).

Educar para a vida não é uma ideia nova, basta lembrar do legado de Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes Flores e tantos outros educadores que há anos apontaram para esse caminho. No entanto é preciso estar sempre renovando esse discurso e aprofundando as questões que impulsionam ou impedem a concretização e/ou a permanência de projetos numa linha de pensamento progressista, democrático e plural na Educação.

Nessa direção o Multiculturalismo está contemplado na Pedagogia Griô, por ampliar o repertório estético através da valorização dos elementos artísticos-culturais locais, por discutir a memória popular e favorecer o diálogo intercultural e intergeracional. Na Educação Infantil essa abordagem pedagógica aparece como um impulso para ampliar o potencial inventivo e comumente criativo das crianças que nos contam histórias próprias de sua cultura, através das garatujas, das brincadeiras, dos jogos simbólicos e de suas narrativas.

Portanto, para reconhecer a gama de signos e significados que fazem parte do universo social, cultural e sensível das crianças, é necessário envolver-se por inteiro nas brincadeiras, no jogo e com a curiosidade infantil, assim como desenvolver constantemente estudos e pesquisas que sirvam de base para aprofundar o conceito de infância enquanto fase de elaboração do sujeito social e histórico.

Arte e Pedagogia da infância: cognição, emoção, política e cultura na formação do professor

O processo educativo como fenômeno humano está intrinsecamente relacionado à natureza, à formação histórica e às dimensões temporais, sociais e culturais dos sujeitos.

Para Mizukami (1986, p.1) confirma que neste processo “(...) estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, sociopolítica e cultural”. Na visão desta autora, que tem como principal referência Paulo Freire, a abordagem pedagógica sociocultural propõe uma reflexão crítica dos sujeitos (educando e educador). Consiste também em compreender que coexistimos “(...) numa cadeia contínua de épocas, caracterizadas por valores, aspirações, necessidades, motivos.” Este tempo histórico precisa ser reconhecido e analisado a partir de uma “consciência crítica e não ingênua” que conduza a uma transformação social possível através da educação. (MIZUKAMI, 1986, p. 87).

Nogueira e Vieira (2013, p. 277) compreendem que “(...) a Pedagogia da Infância consiste em uma concepção educativa que considera o direito das crianças à educação como premissa para suas práticas pedagógicas a partir de seus interesses e necessidades.” Nessa direção, a arte desponta como um campo de ação educativa amplamente necessário e fundamental na Educação Infantil, a partir do potencial lúdico e educativo reunidos nos elementos das linguagens artísticas como na música, nas artes visuais, no teatro e na dança, podendo ainda lançar mão das brincadeiras, brinquedos e folguedos populares e da literatura em seu contexto plural e dinâmico.

No entanto, precisamos refletir a prática dos professores como reflexo de sua formação inicial e continuada em contextos muitas vezes abreviados e distantes da realidade. No que se refere à linguagem teatral como ferramenta educativa, Lombardi (2017) apresenta em sua pesquisa realizada em 69 instituições de ensino superior brasileiras que aponta “para uma cena de formação aligeirada e superficial do pedagogo no que diz respeito ao teatro”. Na pesquisa, a autora questiona o espaço destinado à linguagem teatral e o direito do profissional em formação

no curso de Licenciatura em Pedagogia em receber subsídios teóricos e práticos para “refletir sobre a (sua) educação estética, cultural e artística”.

A pesquisa realizada em 2014 demonstra que os componentes curriculares apresentam “[...] a dimensão dos fazeres artísticos”, porém não são suficientes para “constituir uma formação que contemple a articulação teoria-prática, as dimensões da criação, da estética, das estratégias de ensino e de discussões interculturais”. (LOMBARDI, 2017).

Quando nos debruçamos em pesquisas cultura nos cursos de Pedagogia a distância desvelamos a profundidade desta problemática e a complexidade de se encontrar caminhos para superar tais desafios. Sendo assim, seria impossível definir estratégias educativas e esperar desempenhos brilhantes no campo da arte e cultura de professores que em sua formação profissional não desfrutaram de momentos reflexivos, práticas de fruição e atuação com arte.

Também verificamos neste estudo a inabilidade dos educadores de produzir um movimento coeso, reivindicatório para a valorização do campo da Arte Educação e do seu potencial transformador na sociedade.

Temos assim a percepção de que os desafios para se desenvolver uma Pedagogia com base nas linguagens artística se dá: pela carência epistemológica dos profissionais da Educação Infantil sobre os aportes teóricos e metodológicos em arte; de ausência de uma educação sensível que lhes dê um estofamento emocional; e pela falta de aprofundamento em questões relacionadas à cognição, a emoção, política e cultura. Assim como de sensibilização diante do reconhecimento da criança com “(...) um ser social pleno: interativa, racional, dotada de vontade e com capacidade de opção entre valores distintos.” (GOMES, 2014).

Considerações finais

Na Educação Infantil é preciso construir bases sólidas para que as crianças progressivamente se apropriem de ferramentas cognitivas para responder aos desafios de seu tempo e contexto sociocultural. Seguindo essa linha de raciocínio percebemos a arte como ferramenta importante para trabalhar as múltiplas linguagens da infância e suas culturas, possibilitando a construção de um caminho assertivo para se delinear a estrutura e as metas de uma Pedagogia da infância.

Já nos é possível afirmar que há muitas possibilidades para se desenvolver práticas efetivas a partir dos elementos culturais e das linguagens artísticas na educação de crianças. Temos atualmente materiais disponíveis na maioria das redes públicas e privadas, contamos com artistas e grãos no entorno da comunidade escolar e temos um espaço/tempo considerável para as atividades voltadas para a arte e cultura nas escolas. No entanto, existem muitos obstáculos a serem superados, especialmente os que dizem respeito à formação dos professores, que precisam se apoiar constantemente em modelos já superados do ensino da arte.

Concluimos que há um longo caminho para que a arte e a cultura sejam compreendidas ou aceitas como ferramentas imprescindíveis na formação humana. Ao adentrar a segunda década do século XXI, ainda, é preciso justificar a importância da arte e do reconhecimento da cultura da criança, a necessidade de inseri-las nas políticas públicas, afirmar e reafirmar o imperativo de incluir a arte nas rotinas escolares das crianças e na formação dos professores. Temos também que estar constantemente reivindicando o espaço para os educadores artísticos onde quer que estejamos e que não há esforços institucionais para promover projetos a partir do eixo temático arte e cultura, sendo as iniciativas individuais dos professores invisibilizadas na comunidade escolar.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Coleção Espírito crítico. Duas Cidades. Editora 34, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Congresso Nacional**. Câmara dos Deputados. Atualizada em 19/03/2015. Edição: 01 Ano: 2015 Páginas: 46

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar, 2001, 225 p.

FERRAZ, Heloisa; FUSARI, Maria F. de Resende; **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GOMES, S. (2014). **SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E JOGOS TEATRAIS: territórios de uma pedagogia teatral**. Revista *Aspas*, 4(2), 58-67. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/84751>

LOMBARDI, Lucia Maria Salgado dos Santos. **Teatro no curso de Pedagogia: concepções e mediação cultural**. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 5 N. 2, 2017, p. 33-44.

NOGUEIRA Gabriela Medeiros - VIEIRA, Suzane da Rocha. **Contribuições da pedagogia da infância para a articulação entre educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental**. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 14, n. 26, jan/jun 2013. p. 265 – 292.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

PACHECO, Lillian. **Pedagogia griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis, Grãos de Luz e Griô, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa & Maria Paula MENEZES (org). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, (2010).

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância. Ensaio Psicológico -Livro para professores**. São Paulo: Martins Fontes, (2014).